

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO II

MAIO DE 1859

Nº 5

Cenas da Vida Privada Espírita

Em nosso último número apresentamos o quadro da vida espírita em conjunto; seguimos os Espíritos desde o instante em que deixam o corpo terreno e fizemos um rápido esboço de suas ocupações. Propomo-nos hoje mostrá-los em ação, reunindo num mesmo quadro diversas cenas íntimas, cujo testemunho nos foi dado através das comunicações. As numerosas conversas familiares de além-túmulo, já publicadas nesta revista, podem dar uma idéia da situação dos Espíritos, conforme o seu grau de adiantamento, mas aqui há um caráter especial de atividade, que nos faz conhecer ainda melhor o papel que, mau grado nosso, representam entre nós. O tema do estudo, cujas peripécias vamos relatar, se nos ofereceu espontaneamente; apresenta interesse maior porque tem, como herói principal, não um desses Espíritos superiores que habitam mundos desconhecidos, mas um desses que, por sua própria natureza, ainda estão presos à Terra, um contemporâneo que nos deu provas manifestas de sua identidade. É entre nós que a ação se passa e cada um de nós nela representa um papel.

Além disso, esse estudo dos costumes espíritas tem de particular o fato de nos mostrar a progressão dos Espíritos na erraticidade e como podemos concorrer para a sua educação.

Um de nossos amigos, após longas experiências infrutíferas, das quais triunfou a sua paciência, de repente tornou-se excelente médium escrevente e audiente. Certa vez ele estava ocupado a psicografar com outro médium, seu amigo, quando, a uma pergunta dirigida a um Espírito, obteve resposta bastante estranha e pouco séria, na qual não reconhecia o caráter do Espírito evocado. Tendo interpelado o autor da resposta, depois de o haver intimado em nome de Deus para se dar a conhecer, aquele assinou *Pierre Le Flamand*, nome completamente desconhecido do médium. Estabeleceu-se, então, entre ambos, e mais tarde entre nós e esse Espírito, uma série de conversas que passaremos a relatar.

PRIMEIRA CONVERSA

1. Quem és? Não conheço ninguém com esse nome.

Resp. – Um de teus antigos camaradas de colégio.

2. Não tenho a menor lembrança.

Resp. – Lembra-te da surra que um dia levaste?

3. É possível; entre escolares isso acontece algumas vezes. Realmente, lembro-me de algo assim, mas também me recordo de ter pago com a mesma moeda.

Resp. – Era eu; mas não te quero mal.

4. Obrigado. Tanto quanto me recordo, tu eras um biltre bastante mau.

Resp. – Eis tua memória que volta. Enquanto vivi não mudei. Eu tinha a cabeça dura, mas no fundo não era mau; batia-me com o primeiro que aparecesse: em mim isso era uma necessidade. Depois, ao dar as costas, já não pensava em nada.

5. Quando e com que idade morreste?

Resp. – Há quinze anos; eu tinha cerca de vinte anos.

6. De que faleceste?

Resp. – Uma leviandade de rapaz... conseqüência de minha falta de juízo...

7. Ainda tens família?

Resp. – Perdi meus pais há muito tempo; morava com um tio, meu único parente...; se fores a Cambrai promete procurá-lo; é um bravo homem, a quem muito aprecio, embora me tenha tratado duramente; mas eu o merecia.

8. Ele tem o teu mesmo nome?

Resp. – Não; em Cambrai não há mais ninguém com o meu nome; ele se chama W...; mora na rua... nº...; verás que sou eu mesmo que te falo.

Observação – O fato foi verificado pelo próprio médium numa viagem que empreendeu algum tempo depois. Encontrou o Sr. W... no endereço indicado; disse-lhe este que realmente havia tido um sobrinho com esse nome, bastante estouvado e inconveniente, falecido em 1844, pouco tempo depois de ter sido sorteado para o serviço militar. Esta circunstância não havia sido indicada pelo Espírito; mais tarde ele o fez espontaneamente. Veremos em que ocasião.

9. Por obra de que acaso vieste à minha casa?

Resp. – Por acaso, se quiseres; creio, porém, que foi o meu bom gênio que me impeliu a ti, por me parecer que só teremos a ganhar com o restabelecimento de nossas relações... Eu estava aqui ao lado, na casa do teu vizinho, ocupado em olhar os quadros... nada de retratos de igreja...; de repente eu te avistei e vim. Percebi que estavas ocupado, a conversar com outro Espírito, e quis intrometer-me na conversa.

10. Mas por que respondeste às perguntas que eu fazia a outro Espírito? Isso não parece provir de um bom camarada.

Resp. – Encontrava-me na presença de um Espírito sério e que não parecia disposto a responder; respondendo em seu

lugar, eu imaginava que ele soltasse a língua, mas não tive êxito. Não dizendo a verdade, eu queria obrigá-lo a falar.

11. Isto não é certo, pois poderia ter resultado em coisas desagradáveis, caso eu não tivesse percebido o embuste.

Resp. – Haverias de o saber sempre, mais cedo ou mais tarde.

12. Dize-me mais ou menos como entraste aqui.

Resp. – Bela pergunta! Acaso temos necessidade de puxar o cordão da campainha?

13. Podes, então, ir a toda parte, entrar em qualquer lugar?

Resp. – Claro!... E sem me fazer anunciar! Não somos Espíritos a troco de nada.

14. Entretanto eu julgava que certos Espíritos não tivessem o poder de penetrar em todas as reuniões.

Resp. – Acreditas, por acaso, que teu quarto é um santuário e que eu seja indigno de nele penetrar?

15. Responde com seriedade à minha pergunta e deixa de lado as graçolas de mau gosto. Vês que não tenho humor para suportá-las e que os Espíritos mistificadores são mal recebidos em minha casa.

Resp. – É verdade que há reuniões onde Espíritos tratantes, como nós outros, não podem entrar; mas são os Espíritos superiores que nos impedem e não os homens. Aliás, quando vamos a algum lugar, sabemos muito bem manter-nos calados e afastados, se necessário. Escutamos e, quando nos aborrecemos, vamo-nos embora... Ah!... sim! Parece que não estás satisfeito com a minha visita.

16. É que não recebo de bom grado o primeiro que aparece e, francamente, não fiquei satisfeito por vires perturbar uma conversa séria.

Resp. – Não te zangues..., não desejo perturbar-te... sou sempre um bom rapaz...; de outra vez far-me-ei anunciar.

17. Lá se vão quinze anos que estás morto...

Resp. – Entendamo-nos. Quem está morto é meu corpo; mas eu, que te falo, não estou morto.

Observação – Muitas vezes, mesmo entre os Espíritos levianos e brincalhões, encontram-se palavras de grande profundidade. Esse *eu* que não está morto é absolutamente filosófico.

18. É bem assim que compreendo. A propósito, conta-me uma coisa: tal como agora te encontras, podes ver-me com tanta clareza como se estivesses em teu corpo?

Resp. – Vejo-te ainda melhor; eu era míope; foi por isso que quis me livrar do serviço militar.

19. Lá se vão, dizia eu, quinze anos que estás morto e me pareces tão estouvado quanto antes; não avançaste, pois?

Resp. – Sou o que era antes: nem melhor, nem pior.

20. Como passas o tempo?

Resp. – Não tenho outras ocupações, a não ser divertir-me e informar-me dos acontecimentos que podem influenciar o meu destino. Vejo muito. Passo parte do tempo ora em casa de amigos, ora no teatro... Por vezes surpreendo coisas muito engraçadas... Se as pessoas soubessem que têm testemunhas quando pensam estar sós!... Enfim, procedo de maneira que o tempo me seja o menos pesado possível... Dizer quanto tempo isso haverá de durar, eu não o saberia e, entretanto, há algum tempo que vivo assim... Tens explicações convincentes para isso?

21. Em suma, és mais feliz do que eras quando estavas vivo?

Resp. – Não.

22. O que te falta? Não tens necessidade de coisa alguma; não sofres mais; não temes ser arruinado; vais a toda parte e tudo vês; não temes as preocupações, nem as doenças, nem as enfermidades da velhice. Não será isto uma existência feliz?

Resp. – Falta-me a realidade dos prazeres; não sou bastante evoluído para fruir uma felicidade moral; Desejo tudo que vejo, e é isso que me tortura; aborreço-me e procuro matar o tempo como posso!... Mas, até quando?... Experimento um mal-estar que não posso definir...; preferia sofrer as misérias da vida a esta ansiedade que me oprime.

Observação – Não está aqui um quadro eloqüente dos sofrimentos morais dos Espíritos inferiores? Invejar tudo quanto vêem; ter os mesmos desejos e realmente nada desfrutar, deve ser verdadeira tortura.

23. Disseste que ias ver os amigos; não será uma distração?

Resp. – Meus amigos não percebem que estou com eles; aliás, nem mesmo pensam em mim. Isso me faz mal.

24. Não tens amigos entre os Espíritos?

Resp. – Estouvados e tratantes como eu, que como eu se aborrecem. Sua companhia não é muito agradável; aqueles que são felizes e raciocinam afastam-se de mim.

25. Pobre rapaz! Eu te lamento e, se te pudesse ser útil, o faria com prazer.

Resp. – Se soubesses o quanto essas palavras me fazem bem! É a primeira vez que as ouço.

26. Não poderias encontrar ocasião de ver e ouvir coisas boas e úteis que contribuiriam para o teu progresso?

Resp. – Sim, mas para isso é necessário que eu saiba aproveitar as lições. Confesso que prefiro assistir às cenas de amor e de deboche, que não têm influenciado o meu Espírito para o

bem. Antes de entrar em tua casa, lá me achava a considerar quadros que despertavam em mim certas idéias...; mas, deixemos isso de lado... No entanto eu soube resistir à vontade de pedir para reencarnar, a fim de desfrutar os prazeres de que tanto abusei. Vejo, agora, quanto teria errado. Vindo à tua casa, sinto que fiz bem.

27. Muito bem! Espero, futuramente, que me dê o prazer, caso queiras a minha amizade, de não mais concentrar a atenção nesses quadros que podem despertar más idéias e que, ao contrário, possas pensar naquilo que aqui ouvirás de bom e de útil para ti. Tu te sentirás bem, podes crer.

Resp. – Se esse é o teu pensamento, também será o meu.

28. Quando vais ao teatro experimentas as mesmas emoções que sentias quando vivo?

Resp. – Várias emoções diferentes; a princípio, aquelas; depois me misturo nas conversas... e escuto coisas singulares.

29. Qual o teu teatro predileto?

Resp. – “Les Variétés”. Muitas vezes acontece que eu os veja todos na mesma noite. Também vou aos bailes e às reuniões onde há divertimento.

30. De modo que, enquanto te divertes, te instruis, visto ser impossível observar bastante na tua posição.

Resp. – Sim, mas o que mais aprecio são certos colóquios. É realmente curioso ver a manobra de algumas criaturas, sobretudo das que ainda querem passar por jovens. Em toda essa lengalenga ninguém diz a verdade: assim como o rosto, o coração se maquia, de modo que ninguém se entende. Acerca disso realizei um estudo dos costumes.

31. Pois bem! Não vêes que poderíamos ter boas conversas, como esta, da qual ambos podemos tirar proveito?

Resp. – Sempre; como dizes, a princípio para ti; depois, para mim. Tens ocupações necessárias ao teu corpo; quanto a mim,

posso dar todos os passos possíveis para instruir-me sem prejudicar a minha existência.

32. Já que é assim, continuarás as tuas observações ou, como dizes, teus estudos sobre os costumes; até o momento não os aproveitaste muito. É preciso que eles sirvam ao teu esclarecimento e, para isso, é necessário que o faças com um objetivo sério, e não como diversão e para matar o tempo. Dir-me-ás o que viste: raciocinaremos e tiraremos as conclusões para a nossa mútua instrução.

Resp. – Será realmente bastante interessante. Sim, com certeza estou a teu serviço.

33. Não é tudo. Gostaria de proporcionar-te ocasião para praticares uma boa ação. Queres?

Resp. – De todo o coração! Dir-se-á que poderei servir para alguma coisa. Fala-me logo o que é preciso que eu faça.

34. Nada de pressa! Não confio missões tão delicadas assim àqueles a quem não tenho confiança. Tens boa vontade, não há dúvida; mas terás a perseverança necessária? Eis a questão. É preciso, pois, que eu te ensine a te conheceres melhor, para saber de que és capaz e até que ponto posso contar contigo. Conversaremos sobre isso uma outra vez.

Resp. – Tu o verás.

35. Adeus, pois, por hoje.

Resp. – Até breve.

SEGUNDA CONVERSA

36. Então, meu caro Pierre, refletiste seriamente naquilo que conversamos o outro dia?

Resp. – Mais seriamente do que imaginas, pois faço questão de te provar que valho mais do que pareço. Sinto-me mais à vontade, desde que tenho algo a fazer. Agora tenho um objetivo e não mais me aborreço.

37. Falei de ti ao Sr. Allan Kardec; comuniquei-lhe nossas conversas e ele ficou muito contente; deseja entrar em contato contigo.

Resp. – Já o sei; estive em sua casa.

38. Quem te conduziu até lá?

Resp. – Teu pensamento. Voltei aqui depois daquele dia. Vi que querias falar-lhe a meu respeito e disse a mim mesmo: Vamos lá primeiro; provavelmente encontrarei material de observação e, quem sabe, uma ocasião de ser útil.

39. Gosto de ver-te com esses pensamentos sérios. Que impressão tiveste da visita?

Resp. – Oh! Muito grande. Ali aprendi coisas que nem suspeitava e que me esclareceram quanto ao futuro. É como uma luz que se fizesse em mim. Agora compreendo tudo quanto tenho a ganhar no meu aperfeiçoamento... É preciso...; é preciso.

40. Posso, sem cometer indiscrição, perguntar-te o que viste na casa dele?

Resp. – Certamente. Lá, como na casa de outras pessoas, vi tantas coisas que não falarei senão quando quiser... ou quando puder.

41. O que queres dizer com isso? Não podes dizer tudo quanto queres?

Resp. – Não. Desde alguns dias vejo um Espírito que parece seguir-me por toda parte, que me impele ou me contém; dir-se-ia que me dirige; sinto um impulso, do qual não me dou conta e ao qual obedeco, mau grado meu. Se quero dizer ou fazer algo inconveniente, posta-se à minha frente..., olha-me... e eu me calo... e me detenho.

42. Quem é esse Espírito?

Resp. – Nada sei; mas ele me domina.

43. Por que não lho perguntas?

Resp. – Não tenho coragem. Quando lhe quero falar ele me olha e sinto a língua travada.

Observação – É evidente que aqui a palavra *língua* é uma figura, já que os Espíritos não possuem linguagem articulada.

44. Deves ver se é bom ou mau.

Resp. – Deve ser bom, pois que me impede de dizer tolices; mas é severo... Por vezes tem um ar irritado; doutras, parece olhar-me com ternura... Veio-me a idéia de que poderia ser o Espírito de meu pai, que não quer se dar a conhecer.

45. Isso parece plausível. Ele não deve estar muito satisfeito contigo. Ouve-me bem. Vou dar-te um conselho a respeito. Sabemos que os pais têm por missão educar os filhos e encaminhá-los na senda do bem. Conseqüentemente, são responsáveis pelo bem ou pelo mal que eles praticam, conforme a educação que receberam, com o que sofrem ou são felizes no mundo dos Espíritos. A conduta dos filhos, pois, influi até certo ponto sobre a felicidade ou a infelicidade dos pais após a morte. Como tua conduta na Terra não foi muito edificante, e como desde a tua morte não fizeste grande coisa de bom, teu pai deve sofrer por isso, caso tenha algo a censurar-se por não te haver guiado bem...

Resp. – Se não me tornei um homem de bem, não foi por me ter faltado, mais de uma vez, a corrigenda necessária.

46. Talvez não tivesse sido a melhor maneira de corrigir-te; seja como for, sua afeição por ti é sempre a mesma e ele to prova aproximando-se de ti, se de fato é ele, como presumo. Deve sentir-se feliz com a tua mudança, o que explica a alternância de ternura e de irritação. Quer auxiliar-te no bom caminho em que acabas de entrar e, quando te vir realmente empenhado nisso, estou certo de que se dará a conhecer. Desse modo, trabalhando por tua própria felicidade, trabalharás pela dele. Nem mesmo me

surprenderia caso tivesse sido ele próprio quem te impeliu a vir à minha casa. Se não o fez antes foi porque quis dar-te o tempo de compreender o vazio de tua existência sem realizações e sentir-lhes os dissabores.

Resp. – Obrigado! Obrigado...! Ele lá está, atrás de ti... Pôs a mão na tua cabeça, como se te ditasse as palavras que acabas de proferir.

47. Voltemos ao Sr. Allan Kardec.

Resp. – Fui à sua casa anteontem à noite. Estava ocupado, escrevendo em seu gabinete..., trabalhando numa nova obra em preparo... Ah! Ele cuida bem de nós, pobres Espíritos; se não nos conhecem não é por sua culpa.⁷

48. Estava só?

Resp. – Só, sim, isto é, não havia ninguém com ele; mas havia ao seu redor uma vintena de Espíritos que murmuravam acima de sua cabeça.

49. Ele os escutava?

Resp. – Ouvia-os tão bem que olhava para todos os lados de onde provinha o ruído, para ver se não eram milhares de moscas; depois abriu a janela para olhar se não seria o vento ou a chuva.

Observação – O fato era absolutamente exato.

50. Entre tantos Espíritos reconheceste algum?

Resp. – Não; não são aqueles com quem me reunia. Eu tinha a impressão de ser um intruso e pus-me a um canto a fim de observar.

51. Esses Espíritos pareciam estar interessados por aquilo que ele escrevia?

⁷ **N. do T.:** Trata-se da obra *O que é o Espiritismo?* Vide a *Revista Espírita* de julho de 1859.

Resp. – Creio que sim. Dois ou três, sobretudo, sopravam o que ele escrevia e davam a impressão de ouvir a opinião dos outros; quanto a Kardec, acreditava piamente que as idéias eram suas, parecendo satisfeito com isso.

52. Foi tudo o que viste?

Resp. – Depois chegaram oito ou dez pessoas que se reuniram num outro aposento com Kardec. Puseram-se a conversar; faziam perguntas; ele respondia e explicava.

53. Conheces as pessoas que lá estavam?

Resp. – Não; sei apenas que havia pessoas importantes, pois a uma deles se referiam sempre como príncipe, e a outra como sr. duque. Os Espíritos também chegaram em massa; havia pelo menos uma centena, dos quais vários tinham sobre a cabeça uma espécie de coroa de fogo. Os outros se mantinham afastados e ouviam.

54. E tu, que fazias?

Resp. – Eu também ouvia, mas sobretudo observava. Veio-me, então, a idéia de fazer uma artimanha para ser útil a Kardec; dir-te-ei mais tarde o que era, quanto eu tiver alcançado êxito. Então deixei a reunião e, vagando pelas ruas, divertia-me em frente às lojas, misturando-me com a multidão.

55. De sorte que, em vez de ir aos teus negócios, perdias o tempo?

Resp. – Não o perdi, pois que impedi um roubo.

56. Ah! Tu te metes também em assuntos da polícia?

Resp. – Por que não? Passando defronte de uma loja fechada, notei que lá dentro se passava algo estranho; entrei e vi um rapaz muito agitado, indo e vindo, como se quisesse ir ao caixa do lojista. Com ele havia dois Espíritos, um dos quais lhe soprava ao ouvido: Vamos, covarde! A gaveta está cheia; poderás te divertir à vontade, etc.; o outro tinha o semblante de uma mulher, bela e

cheia de nobreza, qualquer coisa de celeste e de bondade no olhar; dizia-lhe: Vai embora, vai embora! Não te deixes tentar; e lhe soprava as palavras: prisão, desonra.

O rapaz hesitava. No momento em que se aproximava do caixa, interpus-me à sua frente para o deter. O Espírito mau pediu-me que não me metesse. Eu lhe disse que queria impedir o moço de cometer uma má ação e, talvez, de ser condenado às galés. Então o Espírito bom aproximou-se de mim e me disse: *É preciso que ele sofra a tentação; é uma prova; se succumbir, será por sua culpa.* O ladrão ia triunfar quando o Espírito mau empregou um artifício abominável, que deu resultado: fez-lhe ver uma garrafa sobre uma mesinha: era aguardente; inspirou-lhe a idéia de beber, para criar coragem. O infeliz está perdido, pensei comigo... procuremos ao menos salvar alguma coisa. Eu não tinha outro recurso, a não ser advertir o patrão... depressa! Num piscar de olhos, eis-me em sua casa. Estava jogando cartas com a esposa; era preciso encontrar um meio de fazê-lo sair.

57. Se ele fosse médium, ter-lhe-ias feito escrever o que quiséssemos. Ele acreditaria pelo menos nos Espíritos?

Resp. – Não tinha bastante espírito para saber o que é isso.

58. Eu te ignorava o talento para fazer trocadilhos.

Resp. – Se me interrompes não direi mais nada. Provoquei-lhe um violento espirro; ele quis aspirar rapé, mas havia deixado na loja a tabaqueira. Chamou o filho, que dormia num canto, e disse-lhe para ir buscá-la...; não era bem isso que eu desejava; o menino despertou resmungando... Soprei à mãe, que dissesse: Não acorde a criança; tu podes muito bem ir buscá-la. – Finalmente ele se decidiu... e eu o acompanhei, para que fosse mais depressa. Chegando à porta percebeu luz na loja e ouviu um ruído. Ficou tomado de medo; tremiam-lhe as pernas; empurrei-o para que avançasse; se tivesse entrado subitamente pegaria o ladrão como numa armadilha. Em vez disso, o imbecil pôs-se a gritar:

Pega o ladrão! O ladrão escapou, mas, em sua precipitação, perturbado também pela aguardente, esqueceu de apanhar o boné. O dono da loja entrou quando já não havia ninguém... O que acontecerá com o boné não é da minha conta... Aquele sujeito está metido em maus lençóis. Graças a mim não houve tempo de consumir-se o furto, do qual livrou-se o comerciante pelo medo. Isso, porém, não o impediu de dizer, ao retornar à sua casa, que havia derrubado um homem de seis pés de altura. – “Veja só – disse ele – como as coisas acontecem! Se eu não tivesse tido a idéia de aspirar rapé!...” – “E se eu não te houvesse impedido de mandar o menino!” – retrucou a mulher. – “É preciso convir que tivemos sorte. Olha o que é o acaso!”

Eis, meu amigo, como nos agradecem!

59. És um bravo rapaz, meu caro Pierre, parabéns. Não te desanimes com a ingratidão dos homens; encontrarás muitos outros assim, agora que te comprometes a lhes prestar serviço, até mesmo entre os que crêem na intervenção dos Espíritos.

Resp. – Sim, e sei que os ingratos um dia serão pagos com ingratidão.

60. Vejo agora que posso contar contigo e que te tornas verdadeiramente sério.

Resp. – Mais tarde verás que serei eu a te ensinar moral.

61. Como qualquer outro, eu o necessito e receberei de bom grado os conselhos, venham de onde vierem. Eu te disse que queria que praticasses uma boa ação; estás disposto?

Resp. – Podes duvidar disso?

62. Creio que um de meus amigos está ameaçado de grandes decepções, se continuar seguindo o mau caminho em que se encontra; suas ilusões poderão perdê-lo. Gostaria que tentasses reconduzi-lo ao bom caminho, por meio de algo que o pudesse impressionar vivamente. Compreendes o meu pensamento?

Resp. – Sim; gostarias que eu lhe produzisse alguma manifestação agradável, uma aparição, por exemplo; mas isso não depende de mim. Entretanto, posso dar provas sensíveis da minha presença quando isso me for permitido. Bem o sabes.

Observação – O médium ao qual este Espírito parece estar ligado é advertido de sua presença por uma impressão muito sensível, mesmo quando não pensa em chamá-lo. Reconhece-o por uma espécie de arrepio que sente nos braços, no dorso e nas espáduas; mas algumas vezes os efeitos são mais enérgicos. Numa reunião que ocorreu em nossa casa, no dia 24 de março passado, este Espírito respondeu às perguntas através de outro médium. Falava-se de sua força física; de repente, como que para dar uma prova, ele agarrou um dos assistentes pela perna e, por meio de um abalo violento, levantou-o da cadeira e o atirou, assombrado, do outro lado da sala.

63. Farás o que quiseres, ou melhor, o que puderes. Aviso-te que ele possui alguma mediunidade.

Resp. – Tanto melhor; tenho meu plano.

64. Que esperas fazer?

Resp. – Primeiro vou estudar a situação; ver de que Espíritos ele se acha cercado e se há meios de fazer algo com estes. Uma vez em sua casa eu me anunciarei, como fiz na tua. Interpelar-me-ão e responderei: “Sou eu, Pierre Le Flamand, mensageiro espiritual, que venho pôr-me ao vosso serviço e que, ao mesmo tempo, desejaria vos agradecer. Ouvi dizer que acalentais certas esperanças que vos transtornam a cabeça e já vos fazem virar as costas aos amigos; creio de meu dever, em vosso próprio interesse, advertir-vos de quanto vossas idéias estão longe de ser proveitosas à vossa felicidade futura. Palavra de Le Flamand, posso garantir que vos venho visitar imbuído das melhores intenções. Temei a cólera dos Espíritos e, mais ainda, a de Deus, e crede nas palavras de vosso servidor, que garante que a sua missão é inteiramente voltada ao bem.” (sic)

Se me expulsarem, voltarei três vezes e depois verei o que terei a fazer. É isso?

65. Muito bem, meu amigo, mas não digas nem mais, nem menos.

Resp. – Palavra por palavra.

66. Mas se te perguntarem quem te encarregou dessa missão, o que responderás?

Resp. – Que foram os Espíritos Superiores. Para o bem, posso não dizer toda a verdade.

67. Tu te enganas; desde que agimos para o bem, é sempre por inspiração dos Espíritos bons. Assim, tua consciência pode ficar tranqüila, porquanto os Espíritos maus jamais nos impelem a fazer boas coisas.

Resp. – Está entendido.

68. Agradeço-te e te felicito pelas tuas boas disposições. Quando queres ser chamado para me dares conta do resultado de tua missão?

Resp. – Eu te avisarei.

(Continua no próximo número)

Música de Além-Túmulo

O Espírito Mozart acaba de ditar ao nosso excelente médium, Sr. Bryon-Dorgeval, um fragmento de sonata. Como meio de controle este último o fez ouvir por diversos artistas, sem lhes indicar a fonte, simplesmente perguntando-lhes o que achavam do trecho. Todos reconheceram, sem hesitação, o estilo de Mozart. Foi executado na sessão da Sociedade do dia 8 de abril passado, na presença de numerosos peritos, pela Srta. de Davans, aluna de Chopin e pianista distinta, que houve por bem prestar seu

concurso. Como elemento de comparação, a Srta. Davans executou previamente uma sonata que Mozart compusera quando vivo. Todos foram concordes em reconhecer não apenas a perfeita identidade do gênero, mas ainda a superioridade da composição espírita. Em seguida um trecho de Chopin foi executado pela mesma pianista que, novamente, revelou o seu talento habitual. Não poderíamos perder essa ocasião para invocar os dois compositores, com os quais tivemos a seguinte conversa:

MOZART

1. Sem dúvida sabeis o motivo por que vos chamamos.

Resp. – Vosso chamado me dá imenso prazer.

2. Reconheceis como tendo sido por vós ditado o trecho que acabamos de ouvir?

Resp. – Sim, muito bem. Reconheço-o perfeitamente. O médium que me serviu de intérprete é um amigo que não me traiu.

3. Qual dos dois trechos preferis?

Resp. – Sem comparação, o segundo.

4. Por quê?

Resp. – Nele a doçura e o encanto são, ao mesmo tempo, mais vivos e mais ternos.

Observação – Com efeito, são qualidades reconhecidas no trecho.

5. A música do mundo que habitais pode ser comparada à nossa?

Resp. – Teríeis dificuldade em compreendê-la. Temos sentidos que, por ora, ainda não possuíis.

6. Disseram-nos que em vosso mundo há uma harmonia natural, universal, que não encontramos na Terra.

Resp. – É verdade. Em vosso planeta fazeis a música; aqui, a Natureza inteira faz ouvir sons melodiosos.

7. Poderíeis tocar piano?

Resp. – Sem dúvida que posso, mas não o quero. Seria inútil.

8. Entretanto, seria poderoso motivo de convicção.

Resp. – Não estais convencidos ainda?

Observação – Sabe-se que os Espíritos jamais se submetem a provas. Muitas vezes fazem espontaneamente aquilo que não lhes pedimos. Esta, aliás, entra na categoria das manifestações físicas, com as quais não se ocupam os Espíritos elevados.

9. Que pensais da recente publicação de vossas cartas?

Resp. – Reavivaram bastante a minha lembrança.

10. Vossa lembrança está na memória de todo o mundo. Poderíeis avaliar o efeito que essas cartas produziram na opinião pública?

Resp. – Sim; tornei-me mais amado e as criaturas se apegaram muito mais a mim como homem do que antes.

Observação – Estranha à Sociedade, a pessoa que fez estas últimas perguntas confirma que foi exatamente essa a impressão produzida por aquela publicação.

11. Desejamos interrogar Chopin. Será possível?

Resp. – Sim; ele é mais triste e mais sombrio do que eu.

CHOPIN

12. [Após a evocação] – Poderíeis dizer-nos em que situação vos encontrais como Espírito?

Resp. – Ainda errante.

13. Tendes saudades da vida terrena?

Resp. – Não sou infeliz.

14. Sois mais feliz do que antes?

Resp. – Sim, um pouco.

15. Dizeis *um pouco*, o que significa que não há grande diferença. O que vos falta para serdes mais feliz?

Resp. – Digo um pouco em relação àquilo que poderia ter sido, porque, com minha inteligência, eu poderia ter avançado mais do que o fiz.

16. Esperais alcançar um dia a felicidade que vos falta atualmente?

Resp. – Certamente ela virá. Antes, porém, serão necessárias novas provas.

17. Disse Mozart que sois sombrio e triste. Por quê?

Resp. – Mozart disse a verdade. Entristeço-me por haver empreendido uma prova que não realizei bem e por não ter mais coragem de recomeçá-la.

18. Como considerais as vossas produções musicais?

Resp. – Eu as prezo muito, mas em nosso meio fazemo-las melhores; sobretudo as executamos melhor. Dispomos de mais recursos.

19. Quem são, pois, os vossos executantes?

Resp. – Sob nossas ordens temos legiões de executantes que tocam nossas composições com mil vezes mais arte do qualquer um dos vossos. São músicos completos. O instrumento de que se servem é, por assim dizer, a própria garganta; são auxiliados por alguns instrumentos, espécies de órgãos de uma precisão e de uma melodia que, parece, ainda não podeis compreender.

20. Sois errante?

Resp. – Sim; isto é, não pertenço, com exclusividade, a nenhum planeta.

21. Os vossos executantes também são errantes?

Resp. – Errantes como eu.

22. [A Mozart] – Poderíeis explicar-nos o que acaba de dizer Chopin? Não compreendemos essa execução por Espíritos errantes.

Resp. – Compreendo vossa surpresa; entretanto, já vos dissemos que há mundos particularmente destinados aos seres errantes, mundos que lhes podem servir de habitação temporária, espécies de bivaques, de campos onde descansem de uma demasiado longa erraticidade, estado este sempre um tanto penoso.

23. [A Chopin] – Reconheceis aqui um de vossos alunos?

Resp. – Sim, parece.

24. Assistiríeis à vontade a execução de um trecho de vossa composição?

Resp. – Isso me dará muito prazer, sobretudo se executado por alguém que de mim guardou uma boa recordação. Que ela receba os meus agradecimentos.

25. Qual a vossa opinião sobre a música de Mozart?

Resp. – Aprecio-a bastante. Considero Mozart como meu mestre.

26. Partilhais de sua opinião sobre a música de hoje?

Resp. – Mozart disse que a música era mais bem compreendida em seu tempo do que hoje: isso é verdade. Entretanto, objetarei que ainda existem verdadeiros artistas.

Nota – O fragmento de sonata ditado pelo Espírito Mozart acaba de ser publicado. Pode ser adquirido no Escritório da *Revista Espírita* ou na livraria espírita do Sr. Ledoyen, Palais Royal, Galerie d'Orléans, 31. Preço: 2 francos. – Será remetida sem despesas de Correio, contra vale postal naquela importância.

Mundos Intermediários ou Transitórios⁸

Numa das respostas que foram dadas em nosso número anterior, vimos que haveria, ao que parece, mundos destinados aos Espíritos errantes. A idéia de tais mundos não se achava na mente de nenhum dos assistentes e ninguém nela teria pensado não fosse a revelação espontânea de Mozart, nova prova de que as comunicações espíritas podem ser independentes de qualquer opinião preconcebida. Visando aprofundar essa questão, nós a submetemos a um outro Espírito, fora da Sociedade e através de outro médium, que não lhe tinha nenhum conhecimento.

1. [A Santo Agostinho] – Há, de fato, como já foi dito, mundos que servem de estações ou pontos de repouso aos Espíritos errantes?

Resp. – Sim, mas eles são gradativos, isto é, entre os outros mundos ocupam posições intermédias, de acordo com a natureza dos Espíritos que a eles podem ter acesso e onde gozam de maior ou menor bem-estar.

2. Os Espíritos que habitam esses mundos podem deixá-los livremente?

Resp. – Sim, os Espíritos que se encontram nesses mundos podem deixá-los, a fim de irem para onde devam ir. Figurai-os como bandos de aves que pousam numa ilha, para aí aguardarem que se lhes refaçam as forças, a fim de seguirem seu destino.

8 **N. do T.:** Vide *O Livro dos Espíritos* – Livro II – Capítulo VI: Mundos Transitórios.

3. Enquanto permanecem nos mundos transitórios, os Espíritos progridem?

Resp. – Certamente. Os que vão a tais mundos o fazem com o objetivo de se instruírem e de poderem mais facilmente obter permissão para passar a outros lugares melhores e chegar à perfeição que os eleitos atingem.

4. Pela sua natureza especial, os mundos transitórios conservam-se perpetuamente destinados aos Espíritos errantes?

Resp. – Não, a condição deles é meramente temporária.

5. Esses mundos são ao mesmo tempo habitados por seres corpóreos?

Resp. – Não.

6. Têm uma constituição semelhante à dos outros planetas?

Resp. – Sim, mas estéril é neles a superfície.

7. Por que essa esterilidade?

Resp. – Os que os habitam de nada precisam.

8. É permanente essa esterilidade e decorre da natureza especial que apresentam?

Resp. – Não; são estéreis transitoriamente.

9. Os mundos dessa categoria carecem então de belezas naturais?

Resp. – A Natureza reflete as belezas da imensidade, que não são menos admiráveis do aquilo a que dais o nome de belezas naturais.

10. Há desses mundos em nosso sistema planetário?

Resp. – Não.

11. Sendo transitório o estado de semelhantes mundos, a Terra pertencerá algum dia ao número deles?

Resp. – Já pertenceu.

12. Em que época?

Resp. – Durante a sua formação.

Observação – Mais uma vez esta comunicação confirma a grande verdade: nada é inútil em a Natureza; tudo tem um fim, uma destinação. Em lugar algum há o vazio; tudo é habitado, há vida em toda parte. Assim, durante a dilatada sucessão dos séculos que passaram antes do aparecimento do homem na Terra, durante os lentos períodos de transição que as camadas geológicas atestam, antes mesmo da formação dos primeiros seres orgânicos, naquela massa informe, naquele árido caos, onde os elementos se achavam em confusão, não havia ausência de vida. Seres isentos das nossas necessidades, das nossas sensações físicas, lá encontravam refúgio. Quis Deus que, mesmo assim, ainda imperfeita, a Terra servisse para alguma coisa. Quem ousaria afirmar que, entre os milhares de mundos que giram na imensidade, um só, um dos menores, perdido no seio da multidão infinita deles, goza do privilégio exclusivo de ser povoado? Qual então a utilidade dos demais? Tê-los-ia Deus feito unicamente para nos recrearem a vista? Suposição absurda, incompatível com a sabedoria que espande em todas as suas obras. Ninguém contestará que, nesta idéia da existência de mundos ainda impróprios para a vida material e, não obstante, já povoados de seres vivos apropriados a tal meio, há qualquer coisa de grande e sublime, em que talvez se encontre a solução de mais de um problema.

Ligação Entre o Espírito e o Corpo

Uma de nossas amigas, a Sra. Schutz, que pertence a este mundo e que parece não querer deixá-lo tão cedo, havendo

sido evocada durante o sono, mais de uma vez deu-nos a prova da perspicácia de seu Espírito em tal estado. Um dia, ou melhor, uma noite, depois de uma longa conversa, disse: “Estou fatigada; tenho necessidade de repouso; estou quase a dormir, meu corpo precisa descansar.”

Diante disso, fiz-lhe notar o seguinte: “Vosso corpo pode repousar; falando-vos, eu não o prejudico; é vosso Espírito que está aqui e não o vosso corpo. Podeis, pois, entreter-vos comigo, sem que o corpo sofra.”

Ela respondeu: “Enganai-vos, pensando assim; meu Espírito se destaca um pouco de meu corpo, tal como se fora um balão cativo retido por cordas. Quando o balão é agitado pelo vento, o poste que o mantém cativo ressentido-se dos abalos transmitidos pelas amarras. Meu corpo representa o papel de poste para o meu Espírito, com a diferença de que experimenta sensações desconhecidas do poste e que tais sensações fatigam bastante o cérebro. Eis por que o meu corpo, assim como o Espírito, necessita de repouso.”

Conforme nos declarou aquela senhora, durante a vigília jamais havia pensado em tal explicação, o que vem mostrar perfeitamente as relações existentes entre o corpo e o Espírito, enquanto este último desfruta uma parte de sua liberdade. Sabíamos perfeitamente que a separação absoluta só ocorre depois da morte e, até mesmo, algum tempo depois. Jamais, porém, essa ligação nos havia sido descrita por uma imagem tão clara e tão interessante. Por isso felicitamos sinceramente aquela senhora por haver tão bem demonstrado as suas faculdades espirituais enquanto dormia.

Entretanto, para nós isto não passava de uma comparação engenhosa; ultimamente, porém, a imagem tomou proporções de realidade

O Sr. R., antigo ministro-residente dos Estados Unidos junto ao rei de Nápoles, homem muito esclarecido sobre o Espiritismo, fazendo-nos uma visita perguntou-nos se, nos fenômenos de aparição, já tínhamos observado uma particularidade distintiva entre o Espírito de uma pessoa viva e o de um morto. Numa palavra, se teríamos um meio seguro de reconhecer se a pessoa está morta ou viva quando um Espírito aparece espontaneamente, em vigília ou durante o sono. Ao responder-lhe que não tínhamos outro meio senão perguntando ao Espírito, disse-nos que conhecia, na Inglaterra, um médium vidente dotado de grande poder que, toda vez que se lhe apresentava o Espírito de uma pessoa viva, notava um rastro luminoso que partia do peito e atravessava o espaço, sem ser interrompido por nenhum obstáculo material, indo terminar no corpo. Era uma espécie de cordão umbilical que unia as duas partes momentaneamente separadas do ser vivo. Nunca o observou quando a vida corporal já se havia extinguido e era por esse sinal que reconhecia se o Espírito pertencia a uma pessoa morta ou a alguém que ainda vivia.

A comparação da Sra. Schutz nos veio à mente e encontramos a sua confirmação no fato que acabamos de relatar. Faremos, todavia, uma observação a respeito.

Sabe-se que no momento da morte a separação não é brusca; o perispírito se desprende pouco a pouco e, enquanto dura a perturbação, conserva uma certa afinidade com o corpo. Não seria possível que o laço observado pelo médium vidente, de que acabamos de falar, persistisse ainda quando o Espírito aparece, no exato momento da morte, ou poucos instantes depois, como acontece tantas vezes? Nesse caso, a presença do cordão não seria um indicativo de que a pessoa estivesse viva. O Sr. R... não soube dizer se o médium teria feito essa observação. Em todo caso, ela não é menos importante e lança uma nova luz sobre aquilo que podemos chamar de fisiologia dos Espíritos.

Refutação de um Artigo do “Univers”

O jornal *Univers*, em sua edição de 13 de abril passado, traz um artigo do abade Chesnel em que a questão do Espiritismo é longamente discutida. Nós o teríamos deixado de lado, como o fazemos a tantos outros aos quais não ligamos nenhuma importância, se se tratasse de uma dessas diatribes grosseiras que revelam, da parte de seus autores, a mais absoluta ignorância daquilo que atacam. Temos a satisfação de reconhecer que o artigo do abade Chesnel é redigido num espírito completamente diferente. Pela moderação e conveniência da linguagem ele merece uma resposta, tanto mais necessária quanto o artigo contém um erro grave e pode dar uma idéia muito falsa, quer do Espiritismo em geral, quer em particular do caráter e do objetivo dos trabalhos da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas. Eis o artigo na íntegra:

“Todos conhecem o espiritualismo do Sr. Cousin, essa filosofia destinada a substituir lentamente a religião. Sob o mesmo título, hoje possuímos um corpo de doutrinas *reveladas*, que pouco a pouco se vai completando, e um culto muito simples, é verdade, mas de eficácia maravilhosa, pois que poria os devotos em comunicação real, sensível e quase permanente com o mundo sobrenatural.

“Esse culto tem reuniões periódicas, iniciadas pela invocação de um santo canonizado. Depois de constatada, entre os fiéis, a presença de São Luís, rei da França, pedem-lhe que proíba a entrada dos Espíritos malignos ao templo e lêem a ata da sessão anterior. Em seguida, a convite do presidente, um *médium* se aproxima do secretário encarregado de anotar as perguntas feitas por um dos fiéis e as respostas que serão ditadas ao *médium* pelo Espírito invocado. A assembléia assiste gravemente, piedosamente, a essa cena de necromancia, por vezes bastante longa e, quando a ordem do dia se esgota, as pessoas se retiram mais convencidas do que nunca da veracidade do espiritualismo. No intervalo entre duas

sessões, cada fiel aproveita a ocasião para manter um comércio assíduo, mas privado, com os Espíritos que lhe são mais acessíveis ou mais queridos. Os *médiuns* se multiplicam e quase não existem segredos na outra vida que eles não acabem por penetrar. Uma vez revelados aos fiéis, esses segredos não são ocultados ao público. A *Revue spiritualiste*, que é publicada regularmente todos os meses, não recusa nenhuma assinatura profana e quem quiser poderá comprar os livros que contêm o texto revelado, com seu autêntico comentário.

“Seríamos levados a crer que uma religião que consiste unicamente na evocação dos mortos fosse muito hostil à Igreja Católica, que jamais deixou de proibir a prática da necromancia. Mas esses pensamentos mesquinhos, por mais naturais que pareçam, não são menos estranhos, assegura-se, ao coração dos espiritualistas. Eles fazem justiça ao Evangelho e a seu Autor; confessam que Jesus viveu, agiu, falou e sofreu como narram os nossos quatro evangelistas. A doutrina evangélica é verdadeira; mas essa revelação, de que Jesus foi o instrumento, longe de excluir o progresso, deve ser completada. É o espiritualismo que dará ao Evangelho a sã interpretação que lhe falta e a complementação que ele espera há dezoito séculos.

“Entretanto, quem demarcará os limites ao progresso do Cristianismo ensinado, interpretado e desenvolvido tal qual o é pelas almas desprendidas da matéria, estranhas às paixões terrenas, aos nossos preconceitos e aos interesses humanos? O próprio infinito se nos desdobra. Ora, o infinito não tem limites e tudo nos leva a esperar que a revelação do infinito será continuada sem interrupção; à medida que se escoarem os séculos ver-se-ão revelações acrescidas a revelações, sem que jamais se esgotem esses mistérios, cuja extensão e profundidade parece aumentarem à medida que se liberam da obscuridade que até agora os envolvia.

“Daí a consequência de que o espiritualismo é uma religião, porque nos põe intimamente em relação com o infinito e

absorve, alargando-o, o Cristianismo que, de todas as formas religiosas, presentes ou passadas, é, como facilmente se confessa, a mais elevada, a mais pura e a mais perfeita. Mas engrandecer o Cristianismo é tarefa difícil, que não pode ser realizada sem derrubar as barreiras por detrás das quais ele se mantém entrincheirado. Os racionalistas não respeitam nenhuma barreira; menos ardentes ou melhor avisados, os espiritualistas só encontram duas, cuja redução parece indispensável, a saber: a autoridade da Igreja Católica e o dogma das penas eternas.

“Esta vida constitui a única prova que ao homem é dado atravessar? A árvore ficará eternamente do lado em que caiu? O estado da alma, após a morte, é definitivo, irrevogável e eterno? Não, responde a necromancia espiritualista. A morte nada acaba, tudo recomeça. Para cada um de nós a morte é o ponto de partida de uma encarnação nova, de uma nova vida e de uma nova experiência.

“Segundo o panteísmo alemão, Deus não é o ser, mas o tornar-se eterno. Seja o que for de Deus, para os espiritualistas parisienses o homem não tem outro destino senão tornar-se progressivo ou regressivo, conforme seus méritos e obras. A lei moral ou religiosa tem uma verdadeira sanção nas outras vidas, onde os bons são recompensados e os maus punidos, mas durante um período mais ou menos longo, de anos ou de séculos, e não por toda a eternidade.

“Seria o espiritualismo a forma mística de erro de que o Sr. Jean Reynaud é o mais lídimo representante? Talvez. É permitido ir mais longe e dizer que entre o Sr. Reynaud e os novos sectários existe um laço mais estreito que o da comunidade de doutrinas? Talvez ainda. Mas essa questão, por falta de informações seguras, não será aqui resolvida de maneira decisiva.

“Mais que o parentesco ou as alianças heréticas do Sr. Jean Reynaud, o que importa muito mais é a confusão de idéias, de

que é sinal o progresso do espiritualismo; é a ignorância em matéria de religião que torna possível tanta extravagância; é a leviandade com que homens, aliás estimáveis, acolhem essas revelações do outro mundo, que não possuem nenhum mérito, nem mesmo o da novidade.

“Não é necessário remontar a Pitágoras e aos sacerdotes egípcios para descobrirmos as origens do espiritualismo contemporâneo. Encontrá-las-emos ao manusear as atas do magnetismo animal.

“Desde o século XVIII a necromancia já desempenhava um grande papel nas práticas do magnetismo e, vários anos antes que se manifestassem os Espíritos batedores na América, dizia-se que certos magnetizadores franceses obtinham, da boca dos mortos ou dos demônios, a confirmação das doutrinas condenadas pela Igreja, notadamente a dos erros de Orígenes, relativos à conversão futura dos anjos maus e dos réprobos.

“Igualmente é preciso dizer que o médium espiritualista, no exercício de suas funções, pouco difere do *sujeito* nas mãos do magnetizador, e que o círculo abraçado pelas revelações do primeiro também não ultrapassa aquele que é delimitado pela visão do segundo.

“Os ensinamentos que a curiosidade pública obtém nos negócios privados, por meio da necromancia, em geral nada revelam além daquilo que antes já era sabido. A resposta do médium espiritualista é obscura nos pontos em que nossas pesquisas pessoais não puderam esclarecer; é clara e precisa naquilo que bem conhecemos; muda em tudo quanto escapa aos nossos estudos e esforços. Numa palavra, parece que o médium tem uma visão magnética de nossa alma, mas nada descobre além do que nela se encontra gravado. Mas essa explicação, que parece muito simples, está entretanto sujeita a graves dificuldades. Supõe, com

efeito, que uma alma possa ler naturalmente no fundo de outra alma, sem o concurso de sinais e independentemente da vontade daquele que, à primeira vista, se tornasse um livro aberto e muito legível. Ora, os anjos bons ou maus naturalmente não possuem esse privilégio, nem quanto a nós, nem nas relações diretas que mantêm entre si. Somente Deus penetra imediatamente os Espíritos e perscruta até o fundo dos corações mais obstinadamente fechados à sua luz.

“Se os mais estranhos fatos espiritualistas que se contam são autênticos, será preciso, para os explicar, que se recorra a outros princípios. Esquece-se com frequência que esses fatos geralmente se referem a um objeto que preocupa fortemente o coração ou a inteligência, que provocou longas pesquisas e do qual muitas vezes falamos fora da consulta espiritualista. Nessas condições, que não devem ser perdidas de vista, um certo conhecimento das coisas que nos interessam não ultrapassa absolutamente os limites naturais do poder dos Espíritos.

“Seja como for, no espetáculo que hoje nos oferecem nada mais há que a evolução do magnetismo, que se esforça por tornar-se uma religião.

“Sob a forma dogmática e polêmica que deve a nova religião ao Sr. Jean Reynaud, ela incorreu na condenação do Concílio de Périgueux, cuja autoridade, como todos estão lembrados, foi gravemente negada pelo culpado.

“Na forma mística que hoje assume em Paris, ela merece ser estudada, pelo menos como sinal dos tempos em que vivemos. O espiritualismo já recrutou um certo número de homens, entre os quais diversos são honrosamente conhecidos no mundo. Esse poder de sedução que ele exerce, o lento, mas ininterrupto progresso, que lhe é atribuído por testemunhas dignas de fé, as pretensões que apregoa, os problemas que apresenta, o

mal que pode fazer às almas, eis, sem dúvida, motivos por demais reunidos para atrair a atenção dos católicos. Guardemo-nos de atribuir à nova seita mais importância do que realmente merece. Mas, para evitar o exagero, que tudo amplia, não caiamos também na mania de negar ou de amesquinhar todas as coisas. *Nolite omni spiritui credere, sed probate spiritus si ex Deo sint: Quoniam multi pseudoprophetae exierunt in mundum.* (I Joan. IV. 1).”

Abade François Chesnel

Senhor abade,

O artigo que publicastes no *Univers*, relativamente ao Espiritismo, contém vários erros que importa retificar e que procedem, fora de dúvida, de um incompleto estudo da matéria. Para os refutar a todos, fora preciso retomar, desde o princípio, os diversos pontos da teoria, bem como os fatos que lhe servem de base, o que absolutamente não tenho a intenção de fazer aqui. Limito-me, pois, aos pontos principais.

Fizestes bem em reconhecer que as idéias espíritas “*recrutaram* um certo número de homens honrosamente conhecidos no mundo”. Esse fato, cuja realidade ultrapassa de muito aquilo que acreditais, incontestavelmente merece a atenção de todo homem sério, pois tantas personalidades, eminentes pela inteligência, pelo saber e pela posição social não se apaixonariam por uma idéia despida de algum fundamento. A conclusão natural é que no fundo de tudo isso deve haver alguma coisa.

Talvez objeteis que certas doutrinas, meio religiosas, meio sociais, nos últimos anos encontraram sectários nas próprias fileiras da aristocracia intelectual, o que não as impediu de cair no ridículo. Assim, pois, os homens de inteligência podem se deixar seduzir pelas utopias. A isso responderei que as utopias têm o seu tempo: cedo ou tarde a razão lhes faz justiça. Assim será com o Espiritismo, se ele não for uma utopia. Mas se for uma verdade,

triufrará de todas as oposições, de todos os sarcasmos; direi mesmo, de todas as perseguições, se estas ainda pertencessem ao nosso século, e os detratores nada aproveitarão. Custe o que custar, seus opositores serão obrigados a aceitá-lo, como aceitaram tantas coisas contra as quais se havia protestado supostamente em nome da razão. O Espiritismo é uma verdade? O futuro o julgará. Parece, no entanto, que já se pronuncia, tal a rapidez com que essas idéias se propagam. E, notai bem, não é na classe ignorante e analfabeta que se encontram aderentes, mas, bem ao contrário, entre as pessoas esclarecidas.

É de notar-se ainda que todas as doutrinas filosóficas constituem obra de homens, imbuídos de ideais mais ou menos grandes, mais ou menos justas; todas têm um chefe, em torno do qual se agruparam outros homens que partilham do mesmo ponto de vista. Quem é o autor do Espiritismo? Verdadeira ou falsa, quem imaginou essa teoria? É verdade que se procurou coordená-la, formulá-la, explicá-la. Mas quem concebeu a idéia primeira? Ninguém; ou, melhor dizendo, todo mundo, porque todos puderam ver, e os que não viram foram aqueles que não quiseram ver ou o quiseram à *sua maneira, sem sair do círculo das idéias preconcebidas*, o que fez com que vissem e julgassem mal. O Espiritismo decorre de observações que cada um pode fazer e que não constituem privilégio de ninguém, o que explica a sua irresistível propagação. Não é o produto de nenhum sistema individual, e é isso que o distingue de todas as outras doutrinas filosóficas.

Dissestes que essas revelações do outro mundo nem mesmo têm o mérito da novidade. Seria, pois, um mérito a novidade? Quem alguma vez pretendeu que fosse uma invenção moderna? Sendo uma conseqüência da natureza humana, e ocorrendo pela vontade de Deus, essas comunicações fazem parte das leis imutáveis pelas quais Ele rege o mundo; devem ter existido, pois, desde que o homem existe na Terra. Eis por que as

encontramos na mais remota Antigüidade, entre todos os povos, tanto na história profana quanto na história sagrada. A ancianidade e a universalidade dessa crença são argumentos em seu favor. Daí a tirar conclusões desfavoráveis seria, acima de tudo, faltar de todo com a lógica.

Em seguida dissestes que a faculdade dos médiuns *pouco* difere da dos sujeitos na mão do magnetizador, de outra maneira dito sonâmbulo; mas admitamos até que haja perfeita identidade. Qual poderia ser a causa dessa admirável clarividência sonambúlica que não encontra obstáculo nem na matéria nem na distância, e que se exerce sem o concurso dos órgãos da visão? Não seria a mais patente demonstração da existência e da individualidade da alma, pivô da religião? Se eu fosse sacerdote, e se durante o sermão quisesse provar que há em nós algo mais que o corpo, demonstrá-lo-ia de maneira irrecusável pelos fenômenos do sonambulismo, natural ou artificial. Se a mediunidade nada mais é que uma variedade do sonambulismo, nem por isso seus efeitos são menos dignos de observação. Neles eu encontraria uma prova a mais em favor de minha tese e dela faria uma nova arma contra o ateísmo e o materialismo. Todas as nossas faculdades são obra de Deus. Quanto maiores e mais maravilhosas, mais elas atestam o seu poder e a sua bondade.

Para mim, que durante trinta e cinco anos fiz um estudo especial do sonambulismo; que nele vi uma variedade não menos profunda de quantas modalidades existem de médiuns, asseguro, como todos aqueles que não julgam à vista de uma só face do problema, que o médium é dotado de uma faculdade particular, que não se pode confundir com o sonâmbulo, e que a perfeita independência de seu pensamento é provada por fatos da maior evidência, por todos aqueles que se colocam nas condições requeridas para observar sem parcialidade. Abstração feita das comunicações escritas, qual o sonâmbulo que jamais fez brotar um pensamento de um corpo inerte? Que produziu aparições visíveis e

até mesmo tangíveis? Que pôde manter um corpo pesado no espaço sem ponto de apoio? Terá sido por efeito sonambúlico que um médium desenhou, há quinze dias, em minha casa, na presença de vinte testemunhas, o retrato de uma pessoa jovem, falecida há dezoito meses, que ele não havia jamais conhecido, retrato reconhecido pelo pai, que se achava presente na sessão? Será por efeito sonambúlico que uma mesa responde com precisão às perguntas propostas, inclusive a perguntas mentais? Certamente, se admitirmos que o médium esteja num estado magnético, parece difícil acreditar que a mesa seja sonâmbula.

Dizeis que o médium não fala com clareza senão das coisas que conhece. Como explicar o seguinte fato, e centenas de outros do mesmo gênero, que se reproduziram inúmeras vezes e que são do meu conhecimento pessoal? Um de meus amigos, excelente médium psicógrafo, pergunta a um Espírito se uma pessoa que ele não via há quinze anos ainda pertencia a este mundo. “Sim, ela ainda vive; mora em Paris, à rua tal, número tanto.” Ele vai e encontra a pessoa no endereço indicado. Foi uma ilusão? Seu pensamento poderia sugerir-lhe essa resposta? Se, em certos casos, as respostas podem coincidir com o pensamento, é racional concluir que se trata de uma lei geral? Nisso, como em todas as coisas, os julgamentos precipitados são sempre perigosos, porque podem ser desmentidos pelos fatos que não foram observados.

Apesar disso, sr. abade, minha intenção não é dar aqui um curso de Espiritismo, nem discutir se ele é certo ou errado. Seria preciso, como o disse há pouco, relembrar os numerosos fatos que citei na *Revista Espírita*, bem como as explicações dadas em meus diversos escritos. Chego, enfim, à parte de vosso artigo que me parece mais importante.

Intitulais vosso artigo: “*Uma nova religião em Paris*”. Admitindo que tal fosse, com efeito, o caráter do Espiritismo, aí haveria um primeiro erro, considerando-se que ele está longe de

circunscrever-se a Paris. Conta milhões de aderentes espalhados nas cinco partes do mundo e Paris não foi o foco primitivo. Em segundo lugar, o Espiritismo é uma religião? Fácil é demonstrar o contrário.⁹

O Espiritismo está baseado na existência de um mundo invisível, formado de seres incorpóreos que povoam o espaço e que nada mais são do que as almas dos que viveram na Terra ou em outros globos, onde deixaram os seus invólucros materiais. São esses seres que havíamos dado, ou melhor, que se deram o nome de *Espíritos*. Esses seres, que nos rodeiam incessantemente, exercem sobre os homens, mau grado seu, uma grande influência; desempenham um papel muito ativo no mundo moral e, até certo ponto, no mundo físico. O Espiritismo, pois, está em a Natureza e pode-se dizer que, numa certa ordem de idéias, é uma força, como a eletricidade também o é sob diferente ponto de vista, assim como a gravitação universal, igualmente.

Ele nos desvenda o mundo dos invisíveis, como o microscópio nos desvendou o mundo dos infinitamente pequenos, cuja existência nem suspeitávamos. Os fenômenos cuja fonte é esse mundo invisível devem ter-se produzido e se produziram em todos os tempos, razão por que a história de todos os povos lhes faz menção. Apenas os homens, em sua ignorância, os atribuíram a causas mais ou menos hipotéticas e, a propósito, deram livre curso à imaginação, como o fizeram com todos os fenômenos cuja natureza só imperfeitamente conheciam. O Espiritismo, melhor observado desde que se vulgarizou, vem lançar luz sobre uma multidão de problemas até aqui insolúveis ou mal resolvidos. Seu verdadeiro caráter é, pois, o de uma *ciência* e não o de uma religião, e a prova disso é que conta, entre seus aderentes, homens de todas

⁹ **N. do T.:** Em vão se tentará negar o aspecto religioso do Espiritismo, tomando por base, de forma isolada, o presente raciocínio de Allan Kardec. Há que se examinar o conjunto de sua obra, a fim de não se chegar a conclusões precipitadas. Na *Revista Espírita* de dezembro de 1868 o Codificador defende de maneira peremptória o caráter religioso da Doutrina Espírita.

as crenças, e que nem por isso renunciaram às suas convicções: católicos fervorosos, que praticam todos os deveres de seu culto, protestantes de todas as seitas, israelitas, muçulmanos e até budistas e bramanistas. Há de tudo, exceto materialistas e ateus, porque essas idéias são incompatíveis com as *observações espíritas*. O Espiritismo, pois, repousa sobre princípios gerais, independentes de toda questão dogmática. É verdade que tem conseqüências morais, como todas as ciências filosóficas. Essas conseqüências são no sentido do Cristianismo, porque, de todas as doutrinas, o Cristianismo é a mais esclarecida, a mais pura, razão por que, de todas as seitas religiosas do mundo, são as cristãs as mais aptas a compreendê-lo em sua verdadeira essência.

O Espiritismo não é, pois, uma religião. Se o fosse teria seu culto, seus templos, seus ministros. Sem dúvida cada um pode fazer uma religião de suas opiniões e interpretar à vontade as religiões conhecidas, mas daí à constituição de uma nova Igreja há uma grande distância e creio que seria imprudência seguir tal idéia. Em resumo, o Espiritismo se ocupa da observação dos fatos e não das particularidades de tal ou qual crença, da pesquisa das causas, da explicação que esses fatos podem dar de fenômenos conhecidos, assim na ordem moral como na ordem física, e não impõe nenhum culto aos seus partidários, como a astronomia não impõe o culto dos astros, nem a pirotecnia o culto do fogo. Ainda mais: do mesmo modo que o sabeísmo nasceu da astronomia mal compreendida, o Espiritismo, mal compreendido na Antigüidade, foi a fonte do politeísmo. Hoje, graças às luzes do Cristianismo, podemos julgá-lo com mais critério. Ele nos põe em guarda contra os sistemas errôneos, frutos da ignorância, e a própria religião nele pode haurir a prova palpável de muitas verdades contestadas por certas opiniões. Eis por que, contrariando a maior parte das ciências filosóficas, um dos seus efeitos é reconduzir às idéias religiosas aqueles que se extraviaram num cepticismo exagerado.

A Sociedade a que vos referis define seu objetivo no próprio título; a denominação *Sociedade Parisiense de Estudos*

Espíritas não se assemelha ao de nenhuma seita; tão diferente é o seu caráter que seu estatuto proíbe tratar de questões religiosas; está classificada na categoria das sociedades científicas, porque, com efeito, seu objetivo é estudar e aprofundar todos os fenômenos que resultam das relações entre os mundos visível e invisível; tem seu presidente, seu secretário e seu tesoureiro, como todas as sociedades; não convida o público às suas sessões; ali não se faz nenhum discurso, nem coisa alguma que tenha o caráter de um culto qualquer. Conduz os seus trabalhos com calma e recolhimento, primeiro porque é uma condição necessária para as observações e, segundo, porque sabe que devem ser respeitados aqueles que não vivem mais na Terra. Ela os chama em nome de Deus porque crê em Deus, em sua Onipotência e sabe que nada se faz neste mundo sem a sua permissão. Abre as sessões com um apelo geral aos Espíritos bons, uma vez que, sabendo que os há bons e maus, cuida para que estes últimos não venham se misturar fraudulentamente nas comunicações que recebe e induzi-la em erro. O que prova isso? Que não somos ateus; mas de modo algum implica que sejamos partidários de uma religião. Disso deveria ter ficado convencida a pessoa que vos descreveu o que se passa entre nós, se tivesse acompanhado os nossos trabalhos e, sobretudo, se os tivesse julgado com menos leviandade e talvez com espírito menos prevenido e menos apaixonado. Assim, os próprios fatos protestam contra a qualificação de *nova seita* que destes à Sociedade, certamente por não a conhecerdes melhor.

Terminais vosso artigo chamando a atenção dos católicos para o mal que o Espiritismo pode fazer às almas. Se as conseqüências do Espiritismo fossem a negação de Deus, da alma, de sua individualidade após a morte, do livre-arbítrio do homem, das penas e recompensas futuras, seria uma doutrina profundamente imoral. Longe disso, ele prova, não pelo raciocínio, mas pelos fatos, essas bases fundamentais da religião, cujo inimigo mais poderoso é o materialismo. Mais ainda: por suas conseqüências

ensina a suportar com resignação as misérias desta vida; acalma o desespero; ensina os homens a se amarem como irmãos, conforme os divinos preceitos de Jesus. Se soubésseis, como eu, quantos incrédulos endurecidos ele fez renascer; quantas vítimas arrancou ao suicídio pela perspectiva da sorte reservada aos que abreviam a vida, contrariando a vontade de Deus; quantos ódios acalmou, quantos inimigos aproximou! É a isso que chamais fazer mal às almas? Não; não podeis pensar assim. Prefiro supor que, se o conhecêsseis melhor, o julgaríeis de outra maneira. Direis que a religião pode fazer tudo isso. Longe de mim contestá-lo. Mas acreditais que teria sido melhor, para aqueles que ela encontrou rebeldes, permanecerem numa incredulidade absoluta? Se o Espiritismo triunfou sobre eles, se lhes tornou claro o que antes era obscuro, evidente o que lhes parecia duvidoso, onde o mal? Para mim, em lugar de perder almas, ele as salvou.

Aceitai, etc.

Allan Kardec

*O Livro dos Espíritos Entre os Selvagens*¹⁰

Sabíamos que *O Livro dos Espíritos* tem leitores simpáticos em todas as partes do mundo, mas certamente não teríamos suspeitado encontrá-lo entre os selvagens da América do Sul, não fosse uma carta que nos fora enviada de Lima, há poucos meses, cuja tradução integral julgamos por bem tornar pública, à vista do fato significativo que ela encerra, sendo o seu alcance facilmente compreendido. Traz consigo o seu comentário, ao qual não acrescentaremos nenhuma reflexão.

10 **Nota da Editora:** Ver “Nota Explicativa”, p. 537.

“Excelentíssimo Senhor Allan Kardec,

“Desculpai-me por não vos escrever em francês; compreendo essa língua pela leitura, mas não sou capaz de escrevê-la correta e inteligentemente.

“Há mais de dez anos freqüento os povos aborígenes que habitam a encosta oriental dos Andes, nestas regiões americanas dos confins do Peru. Vosso *O Livro dos Espíritos*, que adquiri numa viagem a Lima, acompanha-me nestas solidões. Dizer-vos que o li com avidez e que o releio continuamente não vos deve surpreender. Assim, eu não viria incomodá-lo por tão pouco se não fossem certas informações que vos poderão interessar, ou o desejo de obter alguns conselhos que espero de vossa bondade, pois não duvido que os vossos sentimentos humanos estejam de acordo com os sublimes princípios de vosso livro.

“Estes povos que chamamos selvagens o são menos do que geralmente se pensa. Se por isso quisermos dizer que eles moram em cabanas em vez de palácios; que não conhecem nossas artes e ciências; que ignoram a etiqueta das pessoas civilizadas, realmente são verdadeiros selvagens. Mas em relação à inteligência, neles encontramos idéias de uma justeza surpreendente, uma grande finura de observação e sentimentos nobres e elevados. Compreendem com muita facilidade e têm o espírito incomparavelmente menos grosseiro que os camponeses da Europa. Desprezam o que lhes parece inútil, em relação à simplicidade que lhes é suficiente ao gênero de vida que levam. A tradição de sua antiga independência é sempre viva entre eles, razão por que têm uma aversão insuperável aos seus conquistadores; mas, se odeiam a raça em geral, vinculam-se aos indivíduos que lhes inspiram uma confiança absoluta. É por conta dessa confiança que privo de sua intimidade e, quando me acho no meio deles, sinto-me em maior segurança do que em muitas metrópoles. Ficam tristes quando os deixo e me fazem prometer voltar. Quando volto, toda a tribo está em festa.

“Estas explicações eram necessárias pelo que virá em seguida.

“Disse-vos que tinha comigo *O Livro dos Espíritos*. Um dia ousei traduzir algumas passagens e fiquei bastante surpreendido ao ver que eles o compreendiam muito melhor do que eu havia pensado, considerando-se certas observações muito judiciosas que faziam. Eis aqui um exemplo:

“A idéia de reviver na Terra lhes parece perfeitamente natural. Certo dia um deles nos perguntou: Quando morreremos poderemos renascer entre os brancos? – Certamente, respondi. – Então serias, talvez, um de nossos parentes? – É possível. – Sem dúvida é por isso que és bom e nós te amamos? – Também é possível. Então, quando encontrarmos um branco não lhe devemos fazer mal, porque talvez seja um dos nossos irmãos.

“Como eu, Senhor, certamente vos admirais dessa conclusão de um selvagem, bem como do sentimento de fraternidade que nele despertou. Ademais, a idéia dos Espíritos não é nova para eles; está em suas crenças e eles estão persuadidos de que é possível conversar com os parentes falecidos que os vêm visitar. O ponto importante de tudo isso é tirar partido para os moralizar, e não creio que seja impossível, porquanto ainda não têm os vícios de nossa civilização. É aqui que precisaria de vossos conselhos e de vossa experiência. A meu ver, labora-se em erro quando se imagina que só podemos influenciar as criaturas ignorantes falando-lhes aos sentidos. Penso, ao contrário, que será entretê-las nessas idéias acanhadas e neles desenvolver o pendor à superstição. Creio que o raciocínio, quando o soubermos colocar ao alcance das inteligências, terá sempre um domínio mais duradouro.

Aguardando a resposta que, por certo, me favorecereis, recebei, etc.

Dom Fernando Guerrero

Aforismos Espíritas e Pensamentos Avulsos

Quando quiserdes estudar a aptidão de um médium, não evoqueis de imediato, por seu intermédio, o primeiro Espírito que aparecer, pois nunca afirmamos que o médium esteja apto a servir de intérprete a todos os Espíritos, nem que os Espíritos levianos não possam usurpar o nome daquele que chamais. Evocai de preferência o seu Espírito familiar, porque este virá sempre; então o julgareis por sua linguagem e podereis melhor apreciar a natureza das comunicações que o médium recebe.

Os Espíritos encarnados agem por si mesmos, conforme sejam bons ou maus. Podem agir também sob o estímulo de Espíritos desencarnados, de que se fazem instrumento para o bem ou para o mal, ou para a realização de certos fatos. Somos, assim, à nossa revelia, os agentes da vontade dos Espíritos para aquilo que se passa no mundo, tanto no interesse geral quanto no individual. Dessa forma, encontramos alguém que nos leva a fazer ou deixar de fazer alguma coisa; pensamos que é o acaso que no-lo envia, quando, na maioria das vezes são os Espíritos que nos impelem uns para os outros, porque esse encontro deve conduzir a um resultado determinado.

Encarnando em diferentes posições sociais, os Espíritos são como atores que, fora de cena, se vestem como todo mundo e no palco fazem uso de todos os costumes, representando todos os papéis, desde o rei até o catador de lixo.

Há criaturas que não temem a morte, que cem vezes a afrontaram e que experimentam um certo temor na obscuridade. Não receiam os ladrões e, entretanto, no isolamento, num

cemitério, à noite, têm medo de alguma coisa. São os Espíritos que se acham ao lado delas, cujo contato lhes produz uma impressão que resulta num temor do qual não se apercebem.

As origens que certos Espíritos nos dão, pela revelação de pretensas existências anteriores, muitas vezes são um meio de sedução e uma tentação para o nosso orgulho, que se envaidece de ter sido tal ou qual personagem.

Allan Kardec